



Governo vê manobra de Trump, Milei e Flávio

Para o Planalto, movimentos dos presidentes dos EUA e da Argentina são para turbinar a campanha presidencial do filho 01 de Bolsonaro, mesmo sob pena de ampliar tensão

» ARMANDO HOLANDA

Integrantes do Palácio do Planalto já trabalham com a possibilidade de que a crise diplomática entre Brasil e Argentina seja parte de um contexto político mais amplo. Crescem as desconfianças entre fontes do governo ouvidas pelo **Correio** de que são coordenadas as recentes movimentações do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, do argentino Javier Milei e do pré-candidato do PL à Presidência, Flávio Bolsonaro. O objetivo: colocar em prática uma articulação para fortalecer a postulação do filho do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Auxiliares do presidente Luiz Inácio Lula da Silva avaliam que tanto as declarações de Trump sobre o Brasil quanto a participação de Milei na convenção que lançou a candidatura presidencial de Flávio, sábado passado, são claros sinais de apoio externo ao projeto eleitoral do senador. Para integrantes do núcleo político do governo, os dois representantes da extrema-direita estariam fazendo acenos que ajudam a projetar o filho 01 de Bolsonaro antes mesmo do início oficial da disputa à Presidência.

A percepção do governo ganhou força depois da sequência de episódios em que os três atores estão incluídos. Na avaliação de interlocutores do Planalto, as manifestações de Trump contra o governo Lula e o discurso de Milei em defesa de Flávio — que abriu uma inédita crise diplomática entre Brasil e Argentina — não são fatos isolados, mas sim movimentos convergentes para conferir legitimidade internacional ao senador e associá-lo ao campo conservador em que os dois presidentes são expoentes.

A leitura ocorre em meio ao

Nelson Almeida/AFP



Setores do governo enxergam existência de jogo combinado para Flávio no qual Milei é uma engrenagem

agravamento da crise diplomática entre Brasil e Argentina. Após as declarações de Milei na convenção do PL, em São Paulo, o governo brasileiro chamou o embaixador do Brasil em Buenos Aires, Julio Bitelli, para consultas — medida sem precedentes na história recente da relação entre os dois países. O Ministério das Relações Exteriores (MRE) também passou a monitorar de forma permanente os movimentos do governo argentino.

A permanência de Bitelli em Brasília, nos próximos dias, é uma forma de restabelecer canais de diálogo e evitar um agravamento das tensões bilaterais. Ao mesmo tempo, o Itamaraty mantém a interlocução com a representação argentina no Brasil.

Água na fervura

Apesar das tensões, a orientação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva permanece a mesma: evitar uma escalada nas animosidades. Como o **Correio** mostrou, ele tem resistido a responder diretamente às provocações de Milei, deixando a condução da crise sob responsabilidade do MRE. A estratégia busca preservar os canais institucionais entre os dois países e impedir que o embate diplomático seja convertido em ativo político para a oposição.

Nesse contexto, a permanência do embaixador em Brasília é uma tentativa de impedir que a crise produza danos permanentes à relação bilateral. No Planalto, contudo, a avaliação é de que a

iniciativa diplomática não altera a percepção de que existe uma convergência política entre Trump, Milei e Flávio — cuja meta é influenciar o ambiente político brasileiro às vésperas da eleição.

Se o Planalto e o Itamaraty vêm se esforçando para um distensionamento com Buenos Aires, ontem a o governo Milei deu um passo nessa mesma direção. O porta-voz da Presidência argentina, Adrian Ravier, reduziu o impacto da crise diplomática ao afirmar que “sempre houve insultos de ambos os lados”. Em coletiva, ele assegurou que tratam-se de “diferenças ideológicas e políticas”, mas esclareceu que “a Argentina nunca as levou ao plano diplomático”. Também destacou que a intenção não é afetar as relações comerciais entre os países.

Alckmin repudia grosseria do argentino

O vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, repudiou, ontem, as ofensas contra o Brasil proferidas pelo presidente da Argentina, Javier Milei, durante a convenção partidária do PL, sábado — que oficializou a candidatura à Presidência da República do senador Flávio Bolsonaro (RJ). Em entrevista após evento em São Paulo, Alckmin ressaltou que o líder argentino cometeu uma “intromissão em assuntos internos do Brasil” de maneira “absolutamente grosseira”.

“É lamentável que o presidente de um país vizinho amigo, que compõe até o Mercosul, preste um

desserviço ao seu país. Porque vem ao Brasil, numa [época de] eleição, [e] não deve presidente se envolver em eleição de outro país”, disse o vice-presidente.

Alckmin não respondeu diretamente se a postura de Milei poderá afetar as relações comerciais entre os dois países, mas destacou que o Brasil é o país que mais compra produtos argentinos e o maior parceiro comercial do país vizinho.

O presidente da Argentina ofendeu o presidente Luiz Inácio Lula da Silva com, entre outros termos, “presidiário”. Além disso, chamou o ministro do Supremo Tribunal

Federal (STF) Alexandre de Moraes, relator da trama golpista, de “lixo careca”.

No Rio de Janeiro, Lula fez uma provocação ao pedir ao diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, para mandar um recado ao presidente norte-americano Donald Trump sobre o Sistema Único de Saúde (SUS).

“Quando você puder conversar com o presidente Trump, ele que anuncie que ia cortar a verba da OMS, diga para ele como um presidente de um país que não é rico como os Estados Unidos consegue

garantir a cada cidadão brasileiro o mesmo tratamento de saúde que terá o presidente da República”, disse Lula em visita ao Hospital Federal do Andaraí, no Rio de Janeiro, ontem.

Lula também pediu ao diretor da OMS que diga a Trump que “qualquer pobre do Brasil pode fazer” um tratamento contra o câncer. “Tratamento de saúde não é para rico, é para quem está doente. E nós queremos fazer um atendimento preventivo para evitar que as pessoas fiquem doentes desnecessariamente”, acrescentou.

Ricardo Stuckert/PR



Encontros entre Lula e Trump não foram capazes de impedir tarifaço

supostas investigações sobre trabalho forçado. Isso levou o governo brasileiro a acionar a Organização Mundial do Comércio (OMC) contra as sobretaxas, em função

das vagas e falsas justificativas — como a de déficit com o Brasil, quando os EUA têm superavit na relação comercial — de Washington para impô-las.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Oposição tem agenda comum focada nos pontos fracos de Lula

Promovida pelo **Correio Braziliense**, ontem, a primeira rodada de sabatinas com candidatos à Presidência mostrou que existe uma agenda comum de oposição ao governo, embora sejam muito diferentes as alternativas apresentadas. Hertz Dias (PSTU), Augusto Cury (Avante), Ronaldo Caiado (PSD) e Leonardo Avalanche (PRTB) criticaram, por caminhos distintos, a condução da economia, o funcionamento das instituições, a política externa e a capacidade do Estado de enfrentar os problemas da população.

Essa convergência pode dificultar a reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva, porque amplia o discurso oposicionista para além de seu principal adversário, Flávio Bolsonaro (PL). No primeiro turno, essas candidaturas retiram votos do filho de Jair Bolsonaro, mas ninguém sabe qual será o destino desses eleitores num eventual segundo turno.

Conduzidas por Denise Rothenburg, titular da coluna Brasília-DF; Ana Maria Campos, editora de Política local e titular da coluna Eixo Capital; Carmen Souza, editora de Opinião; e Carlos Alexandre de Souza, editor de Política, Brasil e Economia, as sabatinas expuseram a diversidade da disputa. As perguntas sobre orçamento, governabilidade, segurança, relações internacionais e funcionamento dos Poderes revelaram projetos dirigidos a públicos distintos, mas convergentes ao culpar o governo pelos problemas nacionais.

A contestação mais radical partiu de Hertz Dias. Professor, rapper e ativista, o candidato do PSTU defendeu a revogação do arcabouço fiscal e das reformas da Previdência, trabalhista e tributária, além da suspensão do pagamento da dívida pública. “Não existe déficit da Previdência. Nós vamos revogar as reformas da Previdência, suspender o pagamento da dívida pública e revogar o arcabouço fiscal”, afirmou.

À esquerda do PT, Hertz adotou a narrativa dos pobres contra os ricos: “Os bilionários estão intocados neste país.” Busca atrair eleitores radicalizados e descontentes com a moderação econômica do governo. Embora tenha uma base eleitoral pouco expressiva, o PSTU atua entre servidores, sindicalistas, jovens e movimentos sociais, além de pressionar partidos como o PSol a radicalizar o discurso.

O escritor e psiquiatra Augusto Cury procurou construir uma imagem moderada, mas apresentou propostas de grande impacto institucional. A principal foi estabelecer mandatos de oito anos para os ministros do Supremo Tribunal Federal: “O STF deveria passar por uma reforma no sentido de que eles deveriam ficar oito anos e depois ir embora.” Cury também propôs retirar do presidente da República o protagonismo na escolha dos ministros. Magistrados, integrantes do Ministério Público e a Ordem dos Advogados do Brasil passariam a participar diretamente das indicações. Segundo ele, isso reduziria a “interferência do Executivo no Judiciário”.

Terceira via

Cury aspira ocupar o espaço de terceira via. Na segurança, resumiu sua visão numa frase: “O pior do que o crime organizado é o Estado desorganizado.” Defendeu integração entre Polícia Federal e polícias estaduais, valorização profissional, tecnologia e prevenção municipal. Também tratou a expansão das bets como problema de saúde mental e de proteção das famílias.

Ex-governador de Goiás, Ronaldo Caiado é o mais competitivo dos quatro sabatinados. O candidato do PSD criticou medidas que considera populistas, advertiu para seus efeitos sobre o Orçamento de 2027 e associou responsabilidade fiscal à capacidade de prestação de serviços. Na política externa, procurou diferenciar-se do governo e do bolsionarismo.

Ao comentar as trocas de ataques entre Lula, Donald Trump e aliados de Bolsonaro, Caiado afirmou que a disputa se transformou numa “briga de rua”. Condenou a interferência estrangeira na eleição, inclusive a participação do presidente argentino, Javier Milei, na campanha de Flávio Bolsonaro, mas também responsabilizou Lula pela escalada: “Eles brigam pelo mesmo interesse: não discutir os assuntos do Brasil.” Ao prometer resgatar a “liturgia do cargo” e o protagonismo do Itamaraty, tenta apresentar-se como candidato de autoridade, previsibilidade e experiência administrativa.

No combate ao feminicídio, defendeu a integração entre segurança, saúde, assistência social, Ministério Público e Defensoria. “Briga de marido e mulher não se mete a colher. O Caiado mete algema e ternozeleira nesse vagabundo”, afirmou. Também propôs confiscar os bens dos condenados e transferi-los à família da vítima. A medida precisaria preservar os direitos de terceiros, herdeiros e dependentes, além do devido processo legal.

Leonardo Avalanche representa a vertente mais populista. O candidato do PRTB defendeu distribuir celulares a jovens e empreendedores que concluíssem cursos públicos. Alegou que R\$ 3 bilhões do orçamento de publicidade permitiriam comprar “quase 500 milhões de aparelhos”. A conta não se sustenta.

A rodada revelou uma oposição fragmentada, porém extensa. Hertz disputa a esquerda crítica ao governo; Cury procura os moderados; Caiado busca consolidar uma centro-direita administrativa; e Avalanche no populismo mais rudimentar. Apesar dos limites de cada candidatura, todas disseminam a avaliação de que o governo não responde adequadamente aos problemas do país.